

APRESENTAÇÃO

Lua Nova chega ao número 50, mas, de olho no número 100, nem se permite uma parada para comemorar (até porque os trilhos já vibram com a aproximação do 51). Temos neste número uma espécie de síntese daquele complexo temático que vem definindo o perfil da nossa revista: direitos, democracia, cidadania. Falta (e prometemos corrigir isso mais à frente) mais debate sobre cultura – ou, mais exatamente, dos nossos temas básicos vistos pela perspectiva da cultura.

Além disso, graças ao artigo de José Luís Fiori, temos a oportunidade de nos associar às homenagens que se prestam neste ano a Maria da Conceição Tavares. Quase que também seqüestrávamos do mesmo Fiori um texto sobre Celso Furtado, igualmente alvo de especial atenção este ano. Mas fica a nossa homenagem a esses dois grandes mestres. A propósito, neste mesmo ano Florestan Fernandes completaria 80 anos, junto com Furtado (e muito à frente de Conceição). E, já que estamos lembrando velhos mestres, pais fundadores do nosso pensamento crítico aos quais *Lua Nova* nunca ficaria indiferente, aí está Antônio Cândido, que olha os demais com a serenidade de quem já chegou lá. Admitamos: é um quarto de nos encher de orgulho. Sem a obra desses quatro, e dos que eles formaram, uma revista como *Lua Nova* dificilmente teria como existir, muito menos chegar aonde chegou.

Mais, portanto, do que nos congratularmos, vamos às raízes, e dediquemos a eles este nosso número 50.

O EDITOR